

# FAZER-CIDADE-EM-RODAS: UMA (ETNO)GRAFIA DESENHADA EM UM MERCADO PÚBLICO EM JOÃO PESSOA-PB

LARA AMORIM<sup>1</sup>  
JOÃO VÍTOR VELAME<sup>2</sup>

## RESUMO

Entre 2021 e 2023, ao longo de uma pesquisa de mestrado, foi produzida uma série de desenhos sobre os usos e sentidos atribuídos aos instrumentos com rodas que são utilizadas por diferentes atores sociais no âmbito de um mercado público e de uma ocupação de catadores, localizados no Bairro dos Estados da cidade de João Pessoa, Paraíba. Este artigo pretende apresentar resultados parciais desta pesquisa, focando na análise sobre os usos e sentidos atribuídos às “coisas com rodas” a partir da perspectiva de um *fazer-cidade-em-rodas* ao abordar reflexões teórico-metodológicas que permitem ampliar o debate sobre novas tendências de etnografias de formas não-textuais. Nos apoiamos nas reflexões inspiradas pelo debate antropológico da década de 1980, nos debates teóricos de James Clifford e George E. Marcus (1986) com *Writing Culture* e em Roy Wagner (1986) e Timothy Ingold (2000), influências orientadoras para repensar a criação e invenção no fazer etnográfico.

## PALAVRAS-CHAVE

**Instrumentos com Rodas; Etnografia Desenhada; Arte e Antropologia; Mercado Público em João Pessoa.**

## *TO-DO-CITY-WITH-WHEELS: A DRAWN (ETNO)GRAPHIC OF A PUBLIC MARKET IN JOÃO PESSOA-PB*

## ABSTRACT

Between 2021 and 2023, throughout a master's research project, a series of drawings were created concerning the uses and meanings attributed to instruments with wheels used by different social actors within a public market and an occupation of recyclers located in the Bairro dos Estados neighborhood in the city of João Pessoa, Paraíba. This article aims to present partial results of this anthropological research, focusing on the analysis of the uses and meanings attributed to “things with wheels” from the perspective of *to-do-city-in-wheels* approach. It addresses theoretical and methodological reflections that contribute to the broader discussion of emerging trends in non-textual ethnographies. We draw upon reflections inspired by anthropological debates from the 1980s, theoretical discussions by James Clifford and George E. Marcus (1986) in *Writing Culture*, and influences from Roy Wagner (1986) and Timothy Ingold (2000), which guide us in rethinking creativity and invention in ethnographic work.

## KEYWORDS

**Instruments with Wheels; Drawn Ethnography; Art and Anthropology; Public Market in João Pessoa.**

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do Laboratório de Antropologia Visual Arandu/UFPB. E-mail: [amorimlaras@gmail.com](mailto:amorimlaras@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [joaovictorvelame@gmail.com](mailto:joaovictorvelame@gmail.com).

## **FAIRE-LA-VILLE-SUR-ROUES: UNE (ETNO)GRAPHIE DESSINÉE DANS UN MARCHÉ PUBLIC À JOÃO PESSOA-PB**

### **RÉSUMÉ**

Entre 2021 et 2023, au cours d'une recherche de master, une série de dessins a été créée pour explorer les utilisations et les significations attribuées aux instruments à roues utilisés par différents acteurs sociaux dans le cadre d'un marché public et d'une collecte de matériaux recyclables, situés dans le quartier de Bairro dos Estados de la ville de João Pessoa, PB. Cet article vise à présenter des résultats partiels de cette recherche anthropologique, en se concentrant sur l'analyse des utilisations et des significations attribuées aux "objets à roues", du point de vue d'une approche *ville-en-roues*. Il aborde des réflexions théoriques et méthodologiques qui contribuent à la discussion plus large des tendances émergentes dans les ethnographies non textuelles. Nous nous appuyons sur des réflexions inspirées par les débats anthropologiques des années 1980, les discussions théoriques de James Clifford (1986) et de George E. Marcus (1995) avec "Writing Culture", ainsi que sur les influences de Roy Wagner (1986) et Timothy Ingold (2000), qui nous guident pour repenser la créativité et l'invention dans le travail ethnographique.

### **MOTS-CLÉS**

**Instruments à roulettes; Ethnographie dessinée; Art et Anthropologie; Marché Public de João Pessoa.**

## **HACIENDO-CIUDAD-EN-RUEDAS: UN DIBUJO (ETNO)GRÁFICO EN UN MERCADO PÚBLICO EN JOÃO PESSOA-PB**

### **RESUMEN**

Entre 2021 y 2023, a lo largo de una investigación de maestría, se creó una serie de dibujos relacionados con los usos y significados atribuidos a las instrumentos con ruedas utilizadas por diversos actores sociales en el ámbito de un mercado público y una comunidad de recicladores ubicados en el barrio de Bairro dos Estados de la ciudad de João Pessoa, Paraíba. Este artículo tiene como objetivo presentar resultados parciales de esta investigación antropológica, centrándose en el análisis de los usos y significados atribuidos a las "cosas con ruedas" desde la perspectiva de un enfoque *ciudad-en-ruedas*. Aborda reflexiones teóricas y metodológicas que contribuyen a la discusión más amplia de las tendencias emergentes en etnografías no textuales. Nos basamos en reflexiones inspiradas en los debates antropológicos de la década de 1980, en las discusiones teóricas de James Clifford (1986) y George E. Marcus (1995) con "Writing Culture", y en las influencias de Roy Wagner (1986) y Timothy Ingold (2000), que nos guían para repensar la creatividad y la invención en la etnografía.

### **PALABRAS-CLAVE**

**Instrumentos con Ruedas; Dibujo Etnográfico; Arte y Antropología; Mercado Público en João Pessoa.**

“A imaginação não é a fantasia; também não é a sensibilidade, se bem que seja difícil de conceber um homem imaginativo que não seja sensível. A imaginação é uma faculdade quase divina que antes de mais apreende, para além dos métodos filosóficos, as relações íntimas e secretas entre as coisas, as correspondências e as analogias”.

(Charles Baudelaire, 1976, Oeuvres Complètes)

## INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é analisar e compreender os usos e sentidos atribuídos às coisas com rodas<sup>3</sup> em um mercado público *peçoense* a partir da perspectiva de um *fazer-cidade-em-rodas*, que permite apresentar resultados parciais da pesquisa considerando uma reflexão teórica-metodológica que amplia o debate sobre novas possibilidades de etnografias de formas não-textuais. Trata-se aqui de uma primeira reflexão, talvez ainda precoce, da pesquisa etnográfica desenvolvida durante o período de dois anos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)<sup>4</sup>.

Utilizamos o desenho como técnica metodológica para pensar “*desenhativamente*” (KUSCHNIR, 2016, p. 07) o fazer antropológico. A partir do uso do *diário de campo* e *diário gráfico*, conceitos abordados por Aina Azevedo (2016), nos inspiramos na provocação de Tim Ingold (2015) com sua proposta de uma “antropografia”, ou seja, uma antropologia gráfica que acopla “os movimentos de fazer, observar e descrever” (INGOLD, 2015, p. 261). Wagner (2017 [1986]) também foi responsável por estimular uma “etnografia desenhada”, considerando que o processo etnográfico pode ser entendido como criativo e motivado pela imaginação.

Os interlocutores que participaram desta pesquisa são diferentes atores sociais (feirantes, fregueses, camelôs, ambulantes, *fretistas*, carregadores, catadores, grupos em situação de rua etc.) que utilizam os instrumentos com rodas (conhecidos também como *carrinhos de mão*) como ofício de trabalho, na busca de legitimidade social, criando “estoques culturais” (BARTH, 2000) nos modos de fazer individuais e coletivos, que se enriquecem a partir de uma “descrição densa” (GEERTZ, 2015 [1973]) que, neste caso, utiliza o desenho etnográfico.

---

<sup>3</sup> Nosso recorte no âmbito desta reflexão são os carrinhos utilizados no mercado público e também por catadores de recicláveis que circulam pela cidade de João Pessoa. Apesar do nosso foco nesse espaço de mercado, outras rodas também são utilizadas como, por exemplo, moedores, bicicletas, carros, etc.

<sup>4</sup> A realização desta pesquisa só foi possível graças à educação superior pública, gratuita e de qualidade, à qual eu, João Vitor Velame, tive acesso e na qual me formei ao longo desses anos. Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de estudos. Também agradeço à Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba (Secult/PB — por meio da Lei Aldir Blanc) a possibilidade de ter obtido financiamento para a realização de uma oficina na mesma área de pesquisa.

Tomamos como ponto de partida que “o conhecimento é transacionado entre os atores sociais através da experiência técnica e das experiências, tanto em relação a pessoas de uma mesma geração como de gerações diferentes” (ROCHA, 2017, p. 261). Esses atores sociais utilizam os instrumentos com rodas em suas vidas, que se relaciona diretamente com o “fazer-cidade” (AGIER, 2011) ou, em outra perspectiva, um *fazer-cidade-em-rodas* (VELAME, 2023), movimentando-se nos espaços públicos e urbanos marcados pela diversidade das feiras livres e mercados públicos. O processo de realização desta pesquisa nos levou a considerar o desenho como a principal ferramenta metodológica para compreender os usos dos instrumentos com rodas (carrinhos de mão, carrinhos de geladeira, carrinhos de coleta, carrinhos de armazém, entre outros tipos similares) que são utilizados no Mercado Público do Bairro dos Estados em João Pessoa.

Nas seções seguintes, partiremos de uma abordagem lúdica para explorar alguns caminhos teóricos que conectam a arte, a imaginação e a prática etnográfica baseada na criação de desenhos no contexto urbano. Em seguida, utilizaremos desenhos para apresentar a prática etnográfica dos instrumentos com rodas. Esses desenhos serão usados para examinar tanto a circulação de indivíduos e sujeitos sociais que compõem o campo etnográfico, quanto a movimentação de mercadorias e corpos através desses instrumentos em meio a um mercado público e seus arredores. Por fim, as reflexões procuram destacar a imaginação como uma categoria poderosa na criação de um novo método de representação e apresentação das relações com o outro. Nesse contexto, a combinação de imagem e texto abre novas perspectivas para explorar a imaginação, a corporeidade e a singularidade na construção do conhecimento antropológico.

## PENSANDO A ETNOGRAFIA: A IMAGINAÇÃO E O “CORPO-CARRINHO DE MÃO” NA CIDADE

Existe uma brincadeira chamada carrinho de mão. E existem os carrinhos de mão. Existe o corpo que brinca e imagina ser algo para além do corpo humano. E existe o trabalho formal e informal que é realizado a partir das coisas/instrumentos<sup>5</sup> *carrinho de mão*. Em um primeiro momento, abordaremos o corpo e as técnicas associadas a ele, naquilo que chamamos de “*corpo-carrinho-de-mão*”, para desenharmos juntos uma reflexão sobre esses instrumentos que aparecem nos cotidianos das cidades brasileiras e para além de nossas fronteiras geográficas e geopolíticas.

Mas afinal, você já brincou de carrinho de mão? Esse artigo não é sobre brincadeiras. Porém, partiremos desta pergunta para traçar alguns caminhos possíveis para se pensar a

---

<sup>5</sup> Utilizamos da noção de “coisa” a partir da noção aplicada pelo filósofo Martin Heidegger (1971) em que Tim Ingold (2012) trabalha a coisificação da coisa. Empregamos esta categoria para pensar a coisificação de diferentes objetos com rodas. Isto significa que levamos em consideração o instrumento a partir da noção aplicada da forma e usos técnicos conceituados por Leroi-Gourhan (1993).

relação entre a arte, imaginação e um fazer etnográfico desenhado. Pesquisar sobre as “coisas com rodas”, os mais variados carrinhos de mão, pode ser um desafio, visto que este parece ser um tema tão banal, como ficou claro, ao se perceber a recepção da pesquisa entre amigos, familiares e acadêmicos. Porém, como propõe Donna Haraway (2016), seguiremos com o problema, mesmo que cause perplexidade, pois trata-se de construir outras conjunturas de mundos possíveis.

Chegaremos ao nosso objetivo principal, mas antes começaremos esse artigo com uma pergunta que propõe uma brincadeira, pois nos jogos da vida descobrimos um pouco mais sobre o mundo que habitamos a partir da imaginação, assim como os feirantes e fregueses, a partir de suas técnicas de vendas, brincam e fazem de espaços como feiras livres e mercados públicos um local de comercialização e entretenimento.

Quando vamos comprar “uma coisa”, podemos passar horas nesses espaços, muitas vezes à procura de “lazer e sociabilidade” (SIMMEL, 2006). As feiras livres e mercados públicos fazem parte do cotidiano de diferentes atores sociais, seja para realizarem atividades comerciais, encontrar amigos, *turistar*, comer comidas regionais, seja para realizar festividades religiosas (que transitam entre o sagrado e profano), proporcionando espaço para *pedir um prato de comida*<sup>6</sup>, etc.

Em algumas culturas existe a brincadeira do carrinho de mão, isto é, uma atividade formada a partir de duplas, em que um representa o papel de “motorista” e o outro o de “carrinho de mão”, conjunto no qual forma-se o corpo carrinho-de-mão propriamente dito, em que uma pessoa se deita com a barriga para o chão e utiliza suas mãos para movimentar-se enquanto outra pessoa segura pelos seus pés e caminha arrastando-a. As várias duplas saem de um ponto A para um ponto B, e aquela dupla que chegar primeiro na linha de chegada, será a vencedora da disputa.

Tecnicamente, o carrinho de mão é um movimento no qual o “motorista” força o próprio corpo a carregar outro corpo. O segundo corpo, apoiando-se nas mãos, tenta performatizar um carrinho de mão, mas frequentemente se movimenta de maneira inadequada. Com o avanço das novas tecnologias e a busca obsessiva por uma “evolução humana”, começamos a nos afastar das práticas associadas à “cultura do chão”, parafraseando Tim Ingold (2015) ao se referir à criação de máquinas de locomoção. Portanto, ao brincar de carrinho de mão, torna-se evidente a dificuldade de apoiar o corpo nas mãos enquanto a pessoa se desloca.

Antes, a relação com o chão podia ser vista a partir do arrastar-se, engatinhar, varrer, comer, deitar-se etc. Aos poucos, o chão foi se tornando um espaço intocado até mesmo para os pés descalços, assim como Marcel Mauss (2003 [1925]) brilhantemente enumera em

---

<sup>6</sup> Ver Marcel Mauss (2003 [1925]) sobre o conceito de *esmola*.

uma série de técnicas corporais, sobre as quais se pode refletir ao pensarmos nesse contato do corpo com o chão.

Tim Ingold (2000) em *"The perception of the environment: Essay in livelihood, dwelling and skill"* questiona-se sobre "que tipo de atividade não envolve um engajamento palpável no mundo? A resposta é que se trata de uma atividade do tipo especial que chamamos de *imaginação*" (p. 417). Assim, brincamos aqui com a imaginação, pois este é o nosso ponto de partida, afinal, qual seria o lugar da imaginação no mundo que habitamos? Para o autor, um dos atos de imaginar pode ser visto através de jogadores de xadrez, em situações em que os jogadores se encontram de frente para as peças e começam a fazer suas estratégias, criando os movimentos das peças sem ter que tocá-las, assim como as crianças brincam de carrinho de mão, imaginando serem um instrumento. Para além da imaginação, esses instrumentos marcam e fazem parte da vida dos diferentes atores sociais que apresentaremos ao longo do artigo.

Os instrumentos com rodas estiveram presentes em nossa sociedade e foram utilizados com as mais variadas intenções. A invenção da cultura do carrinho de mão pode ser vista a partir da história chinesa, em que "o carrinho de mão tem sido um dispositivo de transporte difundido por cerca de dois mil anos de história chinesa" (RICHTER, 2004, p. 277) servindo para diversas finalidades, como o transporte de passageiros, comercialização de mercadorias, atividades agrícolas, construções e até mesmo o transporte das riquezas dos imperadores. Este foi considerado "um símbolo auspicioso de prosperidade e avanço social" (RICHTER, 2004).

A definição de carrinho de mão presente no dicionário Aurélio<sup>7</sup> está ligada à esfera de trabalho de construção, ou seja, aqui a noção dada a este instrumento não abrange a dimensão dos usos e sentidos que podem ser atribuídas a estes instrumentos em outras esferas, como aquelas que esta pesquisa toma parte. Assim, é utilizando as mãos, o caminhar, o olhar, entre outras forças do corpo, que cada indivíduo utiliza este instrumento no seu cotidiano, gerando sentidos e significados individuais e coletivos em suas experiências de vida. Não necessariamente utiliza-se o carrinho de mão como um instrumento dado para exercer um determinado tipo de atividade, mas ele se torna útil a partir do uso que é atribuído ao instrumento.

Passamos assim a pensar a partir do que Agier (2011) propõe com a noção de "fazer-cidade" dos cidadãos, quando a cidade é feita essencialmente de movimento, podendo, de certa forma, estar em contínuo movimento, pois a cidade nasce, transforma-se e até mesmo

---

<sup>7</sup> "Carrinho. [Dim. de *carro*.]S. m 1. V. carretel (1). 1. Carro para transportar bebês ou crianças pequenas. 3. *Fut. Bras.* Lance em que o jogador desarma o adversário e atinge a bola, atirando-se ao chão e deslizando como se estivesse sentado ou parcialmente deitado. ~ V. carrinhos. Carrinho de mão. Carro de mão. Carro de uma roda só, provido de dois varais, empurrados por uma pessoa e usados para remoção de entulho, pedra, etc.; carrinho de mão" (AURÉLIO, 1986, p. 288).

desaparece e transborda para além da vida cotidiana, dando sentido aos instrumentos que utilizamos no nosso dia a dia.

É nessa perspectiva que utilizamos a noção de *fazer-cidade-em-rodas*, seguindo a ideia de que a cidade se constrói e desconstrói a partir das maneiras de habitá-la. Agier (2015) destaca que “existem múltiplas maneiras de se fazer cidade, múltiplos processos que nos falam sobre um começo de cidade em geral” (p. 487). No nosso caso, percebemos que esses instrumentos fazem parte do processo de urbanização que ocorre nas margens e nos territórios considerados “informais”, parafraseando Agier (2015). Para o autor, “o fazer-cidade deve ser entendido como um processo sem fim, contínuo e sem finalidade. Ele faz sentido no contexto de uma expansão contínua dos universos sociais e urbanos” (p. 491). Nesse sentido, para que diferentes atores sociais circulem pela cidade com seus instrumentos com rodas, é preciso compreender as regras impostas por um “direito à cidade”, as quais são aplicadas de formas diferentes para cada um desses corpos que circulam nas cidades e que fazem deles um espaço de comércio, seja formal ou informal.

Para Canclini, a cidade é um lugar para habitar, mas também para ser imaginado (CANCLINI, 2010, p. 109). As cidades são construídas com casas, parques e ruas, mas também se configuram como imagens. Para além dos planos e traçados das cidades definidas em um projeto arquitetônico e urbano, estas se apresentam como estruturas urbanas que são habitadas, como ruas e espaços públicos e lugares por onde os habitantes circulam. Ao circularem, os habitantes criam sentidos sociais e culturais, estabelecem com o lugar por onde circulam relações subjetivas e experiências coletivas (CANCLINI, 2010, p. 73).

A paisagem urbana pode ser, assim, entendida como um “imaginário urbano”, ou “formas de apropriação do espaço urbano e lugares, propícios para disparar imaginários” (CANCLINI, 2010, p.11) ou pode ser vista como “uma forma de desautomatizar a percepção do espaço urbano” (GALLE, 2008, p.153), na perspectiva de Walter Benjamin. Para Benjamin, a paisagem cultural da cidade está plena de signos, e tal emaranhado, sejam placas de ruas, sinais de trânsito, anúncios ou estátuas, acabam por formar um código, que remeterá ao caminhante “a profundidade da história e a complexidade da civilização industrial [...]” (GALLE, 2008, p. 153).

Mas, se em sua *Berlim Imperial*, Benjamin entendia que a condição necessária para a ressignificação da cidade seria a arte de extraviar-se, Helmut Galle (2008) observa que, em cidades americanas ou latino-americanas, a experiência física de encontra-se em um espaço urbano é bem diferente. Em São Paulo, por exemplo, segundo ele, os habitantes de classes sociais mais abastadas não costumam pisar em espaços públicos, pois circulam entre os condomínios, shoppings, clubes e aeroportos. Inspirados nessa reflexão, ao apresentarmos uma etnografia desenhada de habitantes que fazem-a-cidade-em-rodas em um mercado público de uma capital do nordeste brasileiro, bem como em seus arredores, estaremos

apresentando um “imaginário urbano” de um espaço público no qual circulam feirantes, catadoras e catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis, pessoas em situação de rua e cidadãos das mais diversas classes sociais que circulam no mesmo espaço público urbano.

Desde a crítica realizada por Clifford e Marcus em *Writing Culture* (2016 [1986]), a “escrita etnográfica” vem sendo desconstruída e novas figuras temáticas surgem para descrever as narrativas etnográficas que derivam de pesquisas de campo e interpretação de imagens. Para Gonçalves e Head (2009, p.7) em *Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*, foi Marilyn Strathern quem chamou atenção para o fato de que “a etnografia assume a metáfora do corpo como estratégia narrativa, uma vez que o corpo é composto por materiais diferentes e, sobretudo, porque o etnógrafo pode somente perceber as coisas por e através deste corpo que habita” (STRATHERN *apud* GONÇALVES e HEAD, 2009, p.7). Para além da desconstrução da alteridade etnográfica, Strathern reconceitua o papel da imaginação, corporalidade e particularidade na produção do conhecimento antropológico.

Segundo Gonçalves (2009, p.08) o *devir-imagético* da etnografia pode ser depreendido do conceito de *mimese* elaborado por Benjamin e Taussig, pois trata-se de uma certa fusão entre o objeto da percepção e o corpo do perceptor, que cria uma relação que permeia os sentidos. É nessa perspectiva que a fabulação e a imaginação são entendidas como formas de aceder a um conhecimento. Quando se estabelece uma equivalência entre visão (entenda-se, aqui, imagem/desenho) e escrita, surgem novas possibilidades de se construir um texto etnográfico,

que leva em conta não mais a visão/imagem *versus* escrita mas, sobretudo, a ideia de imaginação enquanto categoria poderosa para articular um novo modo de representar/apresentar a relação com o outro, em que a imagem e a escrita, em vez de criarem um realismo, abrem caminho para a fabulação e para a ficção, como formas de aceder a um conhecimento. (GONÇALVES, 2009, p. 17).

Neste artigo apresentaremos uma série de grafias (visuais e textuais) com descrições etnográficas, levando em consideração que “o desenho é um instrumento de observação imensamente poderoso, e dado ainda que ele combina observação e descrição em um único movimento gestual” (INGOLD, 2015, p. 317), porém tornou-se um procedimento metodológico pouco utilizado e “tem sido praticamente esquecido” entre os antropólogos (INGOLD, 2015, p. 318). Destacamos que os desenhos que serão apresentados a seguir não são meras ilustrações, mas descrições etnográficas capazes de suscitar análises do campo de pesquisa em questão.

Foi desenhando etnograficamente que esta etnografia se enriqueceu, a partir de técnicas metodológicas também visuais, que resultaram em provocações e em um olhar sensibilizador e poético para uma escrita etnográfica do “campo etnográfico”, no sentido apontado por Strathern (1991) sobre uma “realidade etnográfica”, a qual pode ser percebida como algo imaginado que reconhece que a imaginação é o que possibilita a representação

ou a apresentação de uma narrativa (STRATHERN *apud* GONÇALVES & HEAD, 2009). Foi utilizando a criatividade e experiências criativas durante o campo de pesquisa, portanto, que a escrita etnográfica se consolidou.

A seguir, torna-se necessário apresentar uma contextualização urbana do mercado público do Bairro dos Estados, localizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, para situar o leitor no espaço urbano da cidade onde foi realizada a etnografia.

## O ESPAÇO URBANO IMAGINADO DAQUELES QUE *FAZEM-CIDADE-EM-RODAS* NO MERCADO PÚBLICO DO BAIRRO DOS ESTADOS EM JOÃO PESSOA

Os espaços de trocas, como os mercados públicos e feiras-livres, são temas que vêm sendo estudados desde os clássicos da antropologia. No contexto brasileiro não poderia ser diferente, podemos citar aqui algumas pesquisas desenvolvidas nos últimos anos, tomamos como exemplos as pesquisas de Vedana (2008), Tavares (2005), Gonçalves e Abdala (2013), Araújo (2019), Mendonça e Velame (2020), Velame (2020; 2021; 2023), entre outros pesquisadores.

As feiras-livres e mercados públicos são grandes palcos artísticos de um fazer local e cultural que nos revelam um pouco mais sobre nossas vidas, nosso tempo e espaço. Lévi-Strauss (1996) chamou atenção para esses momentos de vidas coletivas em uma breve e nostálgica lembrança sobre suas viagens em mercados públicos, os mais diversos e em diferentes espaços — das barracas, das oficinas, mercados rurais, nos mercados flutuantes, terrestres etc. Através de uma descrição rica e densa, o autor nos faz viajar por diferentes mercados, chegando até o Brasil.

Nessa perspectiva, encontramos, nas linhas desenhadas e fotografadas por Carybé e Verger (2012) no livro imagético “Gente de Bahía”, uma abordagem imagética e poética que nos leva a uma série de mercados e feiras-livres ricos em diversidade e especificidades culturais no contexto baiano. Esses mercados são marcados por pirâmides de abacaxi, pilhas de bananas e mulheres carregando panos em suas cabeças. Não muito distante do contexto desta pesquisa, nos desenhos de Carybé, é possível observar elementos semelhantes aos que encontramos no mercado público de João Pessoa.

Com o desenho abaixo representamos uma dimensão do desenho urbano do bairro dos Estados, alguns pontos referenciais da etnografia aqui apresentada do mercado público e da ocupação de catadoras e catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis em um galpão localizado atrás do mercado.

O Bairro dos Estados está localizado na Zona Norte da cidade de João Pessoa, Paraíba, e faz parte da 11ª região da capital pessoense composta pelos seguintes bairros:



Nesse contexto, a ocupação se refere ao processo de mobilização política de um grupo que se estabeleceu em um espaço privado após perder sua antiga sede. Esse movimento de moradia e resistência é algo comum nas áreas urbanas do Brasil. O principal motivo para esse processo de ocupação foi a incapacidade de pagar a antiga sede desse grupo de catadores. Isso ocorreu devido aos decretos e regulamentos relacionados ao *lockdown* durante a pandemia da COVID-19, que proibiu a circulação de pessoas nas ruas para conter a propagação do vírus. Essas medidas resultaram no fechamento de fontes de renda que anteriormente colaboravam com órgãos governamentais e não governamentais.

Dessa forma, essa associação se auto organizou politicamente e conseguiu operar como uma entidade com o apoio de organizações não governamentais que forneciam suporte direto e indireto para fortalecer grupos em situações de vulnerabilidade. Localizado atrás do Mercado Público, esse galpão começou a fazer parte da vida e das histórias cotidianas desses catadores, que são principalmente mulheres, negras, residentes em áreas periféricas e mães. Portanto, esse espaço abandonado se transformou em um local de moradia, trabalho, luta e reivindicação de direitos sociais.

A partir desse ponto, continuaremos com uma tipologia dos instrumentos com rodas observados no Mercado Público do Bairro dos Estados e em suas proximidades, apresentando os usos e significados atribuídos a eles por diferentes atores sociais.

## OS USOS DOS INSTRUMENTOS COM RODAS NO MERCADO PÚBLICO DO BAIRRO DOS ESTADOS

Durante a pesquisa de campo no Mercado Público do Bairro dos Estados foi possível observar diversas formas de utilização de instrumentos com rodas por diferentes atores sociais. No mercado, existem diversas variações de rodas, e cada um dos instrumentos adquire e gera significado na vida cotidiana dos indivíduos. Percebemos, durante o trabalho, que os atores dependem de serviços que são prestados com o uso dos instrumentos. Portanto, as rodas desempenham um papel significativo no trabalho e fazem parte desses espaços.

Sendo assim, apresentamos, na ilustração a seguir, uma série de instrumentos com rodas observados durante o trabalho de campo. Inicialmente, examinaremos esses desenhos em conjunto e, posteriormente, forneceremos algumas descrições sobre os usos e significados atribuídos a cada um deles, considerando sua forma, conteúdo e função técnica.

Esses instrumentos com rodas são uma parte integrante do cotidiano e também compõem as paisagens urbanas de João Pessoa. Eles adquirem a qualidade de uma “extensão do corpo humano” (LEROI-GOURHAN, 1993). Para operar esses carrinhos, é necessário um conhecimento prático sobre tração e direção. Portanto, como observado, “o

veículo empurrado (carrinho de mão, trenó) apenas é usado com a força humana, sendo a grande maioria dos veículos puxada” (GOURHAN, 1993, p. 108), transformando-se em extensões das mãos e do próprio corpo. Outra manifestação de instrumentos que assumem um papel de extensão corporal é evidenciada no uso de cestas artesanais para transportar mercadorias na cabeça, uma prática observada em diferentes culturas.

A circulação com os carrinhos de mão ocorre necessariamente durante as jornadas a pé pelo chão. Quando observamos as criações humanas, podemos perceber que esses instrumentos de transporte, da maneira como são concebidos, envolvem a externalização das técnicas corporais para fora do corpo e isso está intrinsecamente ligado à formação do *ethos* e *eidos* de cada grupo social. A seguir, apresentaremos os desenhos dos carrinhos identificados ao longo da pesquisa.

Figura 02. Os instrumentos e coisas com rodas presentes no Mercado Público do Bairro dos Estados, João Pessoa - Paraíba. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

**Primeira forma (1):** observamos um carrinho de coleta seletiva que foi usado por uma dupla de *garis* (um homem e uma mulher, ambos negros) que estavam recolhendo materiais orgânicos e inorgânicos no mercado e em seus arredores. Esse instrumento é conhecido como *carrinho coletor de lixo*. Ele é de cor verde, tem capacidade para 120 litros ou 58 quilos, possui um pedal e é fabricado em Polietileno de Alta Densidade (PEAD) ou Polipropileno (PP). No interior deste instrumento, os *garis* costumam guardar uma pá e uma vassoura, o que facilita a mobilidade entre os diferentes espaços.

*Segunda forma (2):* podemos ver outro instrumento, o *carrinho de carga e descarga* de mercadorias, conhecido como *carrinho de armazém*. Este tipo pode ser encontrado em vários locais e é frequentemente transportado em caminhões que o usam para descarregar mercadorias. No galpão central do mercado público, há um vendedor de ração e aves (calopsitas, periquitos, galinhas e outras aves), todas elas mantidas em duas grandes gaiolas de metal. Este vendedor possui dois carrinhos de médio porte e um de grande porte, todos de cor azul. Eles são feitos de aço e têm uma capacidade de carga máxima de 150 quilos. São mantidos trancados com cadeado e empilhados uns sobre os outros para evitar roubos, como explicou o comerciante, que mencionou o risco de furto desses instrumentos.

*Terceira forma (3):* diz respeito aos carrinhos de mão, também conhecidos como *carrinhos de frete*. No espaço do mercado, é possível observar esses instrumentos sendo usados como suportes para a venda de produtos. Por exemplo, há um senhor, adulto e negro, que coloca maçãs em seu carrinho e o utiliza para exibir seus produtos em pé, próximo à loja que vende ração. Esse homem usa o carrinho para expor seus produtos de maneira semelhante à exposição feita nos bancos dos feirantes.

*Quarta forma (4):* no mercado público, é possível ver carrinhos de compras sendo utilizados pelos fregueses. Eles podem ser encontrados em duas estruturas distintas: a primeira tem a forma de uma sacola com um cesto, enquanto a segunda possui uma estrutura de alumínio. Ambos os tipos de carrinhos são dobráveis e são conhecidos localmente como *carrinhos de feira*. Eles têm um cabo longo para serem puxados, juntamente a um par de rodas, e podem ser manuseados com apenas uma mão.

*Quinta forma (5):* no espaço do mercado público, é possível observar os *carrinhos dos catadores*. Alguns têm quatro rodas, enquanto outros possuem apenas duas. São de tamanho médio e destinados à coleta seletiva. Em muitos aspectos, esses carrinhos assemelham-se a lixeiras, já que frequentemente são estacionados no início do espaço público, contendo caixas de papelão, caixas de leite e garrafas PET.

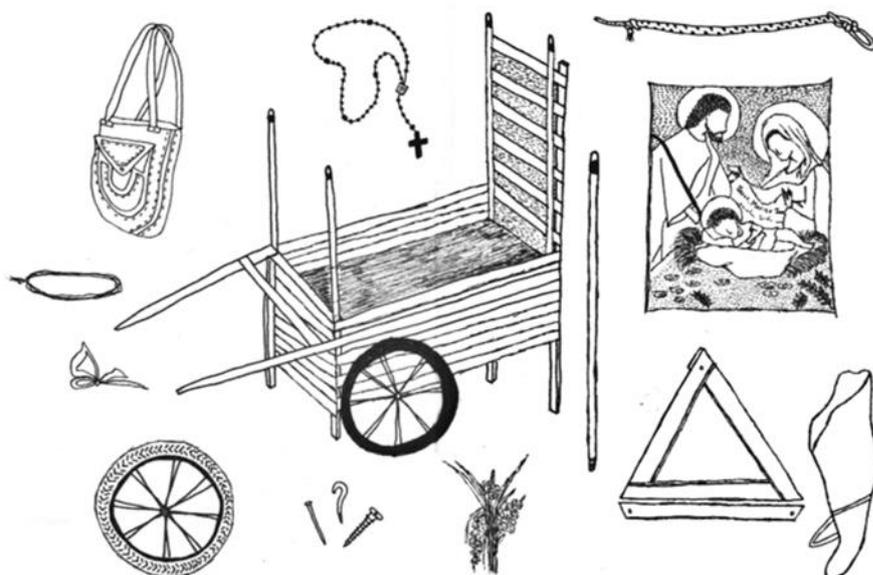
*Sexta forma (6):* na área central do mercado público é possível encontrar algumas mercearias de conveniência. Nesses locais costuma-se avistar *carrinhos de supermercado*. A variedade desses carrinhos depende de cada estabelecimento, podendo ser feitos de alumínio ou plástico. Geralmente eles possuem quatro rodas e uma única cesta, mas há também versões com duas cestas, uma na parte superior e outra na inferior. A inferior costuma ser maior que a superior. Esses instrumentos também podem ser utilizados por catadores, como os membros da Catajampa.

*Sétima forma (07):* o último instrumento observado foi o *carrinho de geladeira*, que é utilizado para a entrega de mercadorias, coleta de materiais recicláveis, limpeza, etc. Por exemplo, um senhor que vende bananas utiliza um carrinho de geladeira emprestado para seu comércio. Eles possuem duas rodas e são construídos a partir da carcaça de uma

geladeira. Assim, atribuir significado a uma carcaça é despertar uma reflexão sobre como “as coisas são trazidas à vida” (INGOLD, 2012, p. 32), em um processo de dar forma àquilo que já perdeu seu propósito original.

Essas “coisas com rodas” aqui apresentadas são utilizadas por diferentes atores sociais no mercado, incluindo fregueses, clientes, feirantes, comerciantes, frentistas, garis, catadores, pessoas em situação de rua e outros atores sociais que utilizam esses instrumentos dentro do espaço do mercado público. Para além, é possível observar os espaços ao redor por meio das circulações das rodas, como é o caso do carrinho de madeira que pode ser visto na frente do galpão dos catadores de materiais recicláveis. Este carrinho é composto por uma série de símbolos que representam e dão sentido àquele indivíduo que o utiliza.

Figura 03. Carrinho de madeira de uma catadora de materiais reutilizáveis e recicláveis. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

O carrinho de madeira é utilizado por uma catadora negra. Em seu instrumento, podemos observar símbolos religiosos, iconográficos e tipografias que atribuem sentidos para esta mulher e para a construção da sua noção de pessoa, tendo em vista que “quando falamos de sentido, estamos falando sobre ‘ver’ dentro do mundo dos símbolos humanos, e não sobre gramáticas, sintaxes ou funções-sinal por meio das quais seria possível extrair ordem a partir da expressão” (WAGNER, 2017, p. 17).

Observa-se, assim, que essas formas estão repletas de representações da pessoa que as utilizam para transmitir uma mensagem. O carrinho de madeira de uma catadora, indicado no desenho acima, exibe uma variedade de representações simbólicas penduradas:

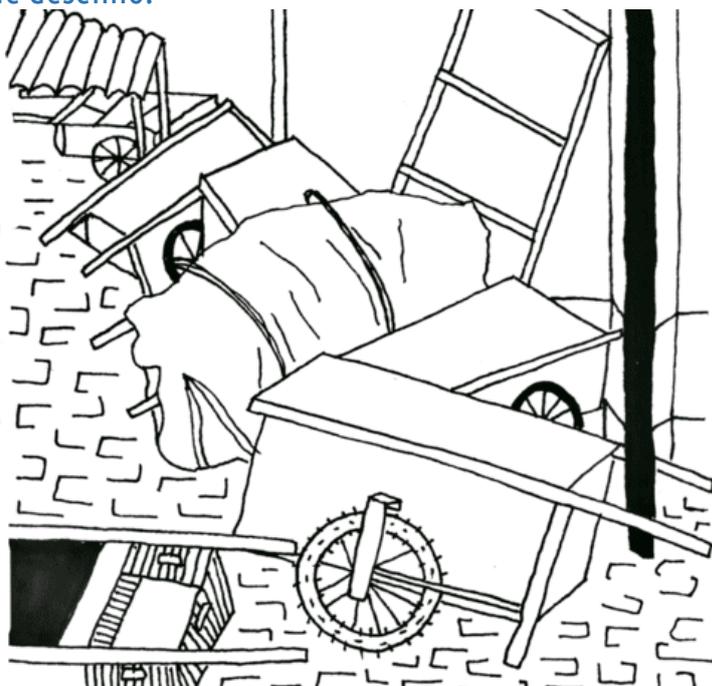
um terço, flores, uma bolsa, cabos de vassoura (usados para transportar os sacos de materiais recicláveis) e uma camiseta antiga que se transforma em um painel. Cada um desses elementos pendurados carrega e gera significados individuais, mas juntos tornam o carrinho um instrumento único pertencente a uma determinada catadora, pois “todas experiências, pessoas, objetos e lugares singulares da vida cotidiana correspondem, aos traços que as tornam distintas, a esse modo de simbolização — como ‘símbolos’, elas representam a si mesmas” (WAGNER, 2017, p. 78).

Seguiremos adiante investigando os usos e significados desses carrinhos que estão presentes no mercado público e como se manifestam no cotidiano do mercado.

### A CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS E DOS CORPOS A PARTIR DOS INSTRUMENTOS COM RODAS

No espaço do mercado público, próximo da seção de frutas e verduras, existe uma área com uma série de instrumentos de rodas estacionados. Estão dispostos em fileiras e é possível observar diversas cores e uma variedade de tipos, incluindo caixotes de plástico, carrinhos com duas ou mais rodas, lonas, tábuas de madeira, entre outros. Nesse ambiente, há uma câmera de vigilância monitorando os carrinhos, criando uma espécie de estacionamento para os instrumentos.

Figura 04. O “estacionamento” dos instrumentos com rodas. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



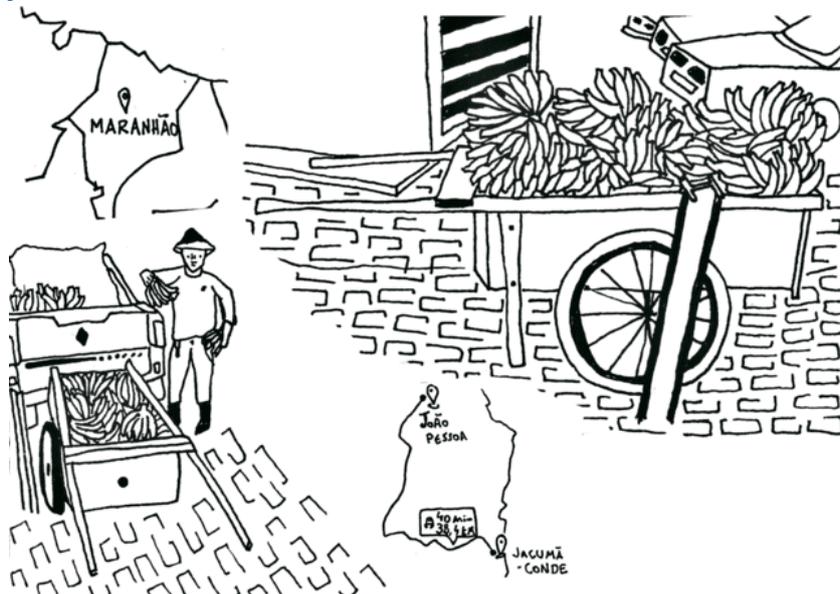
Acervo: João Vítor Velame.

O desenho apresentado na figura acima oferece uma perspectiva sobre a circulação dos instrumentos. A lógica de movimento aplicada aqui envolve a compreensão de que essas coisas ocupam lugares, considerando que os espaços não são estáticos. O espaço é sempre vivido e experimentado, como Tim Ingold (2015) sugere ao descrever como as pessoas frequentam lugares como “habitantes” ao invés de “moradores” (INGOLD, 2015, p. 220). Esses instrumentos são deslocados de um ponto para outro através de superfícies e estão inseridos em redes que se entrelaçam com os movimentos dos atores sociais que os utilizam. Assim, os instrumentos estão em constante movimento e são influenciados por outras forças físicas, mesmo quando aparentemente estão “estacionados”.

A representação acima proporciona uma oportunidade para a compreensão dos movimentos dos instrumentos com rodas, dos produtos transportados em suas superfícies, dos atores sociais que os manejam, empurram, puxam, agenciam, etc. Essas ações colaboram na formação de uma rede de interações que se desenvolvem no contexto urbano. Isso nos instiga a buscar respostas, especialmente ao considerar como a circulação de mercadorias vitaliza esses espaços.

O desenho a seguir apresenta a circulação de um *fazer-cidade-em-rodas* que atravessa municípios e até mesmo fronteiras estaduais, pois circula-se com as rodas, circulam mercadorias e corpos, em um movimento de fazer dentro do espaço do mercado público. Isso foi possível de ser observado nos dias da semana em que acontece a entrega das mercadorias no espaço do mercado público. Em uma sexta-feira vimos o movimento dos instrumentos com rodas para entregar abacaxis, maçãs, melões, banana, caju, entre outras frutas.

Figura 05. De Jacumã para o Mercado dos Estados e para o Maranhão — o repasse de cachos de bananas. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

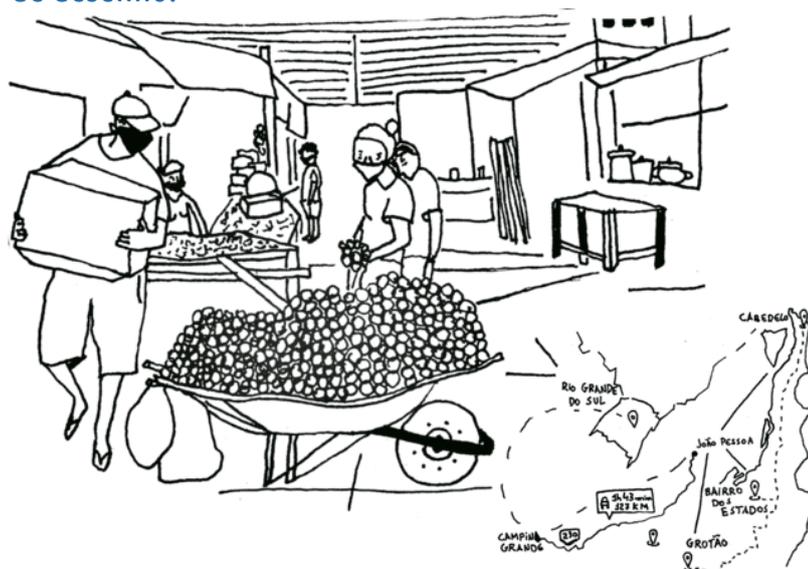
Em uma quinta-feira à tarde começou um dos dois dias “oficiais” da feira-livre, que é na sexta-feira e no sábado. Ali, próximo ao box de uma feirante, observei um homem negro utilizando um carrinho de mão para entregar abacaxi. Um homem alto, negro, organizava os abacaxis empilhados uns sobre os outros.

Logo em seguida observei um carrinho de geladeira com uma imensa pilha de bananas transbordando os limites da estrutura desse instrumento com duas rodas (Fig. 05). O nome desse senhor é Josemar, negro, alto, com um chapéu em sua cabeça, vestia uma calça, blusa longa preta e uma bota. Josemar morava em Jacumã, na região do Conde, na Paraíba, e já fazia cinco anos que trabalhava fornecendo na feira. Por ele vir de outra cidade, trazia a sua mercadoria em uma caminhonete e, ao chegar no ambiente do mercado, pegava um carrinho de mão emprestado com um colega.

Josemar possuía uma plantação no Conde e relatou que vende todas as semanas e que possui funcionários na plantação. Nessa conversa, Josemar afirmou que fornecia os cachos de bananas e mamão para muitas pessoas na feira e que começou também a revender para outro estado, como, por exemplo, o Maranhão.

Em um sábado de feira-livre pela manhã, conheci um vendedor de maçãs no mercado público (Fig. 06).

Figura 06. "Ôôô a ma-a-a-çã-ã-ã... Cinco reais. Cinco! Cinco reais... Ô a maçã...". Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

Esse homem comercializava suas maçãs dentro do galpão principal do mercado, utilizando um carrinho de mão vermelho, com duas sacolas penduradas nos ganchos e curiosamente uma “pirâmide” de maçãs, uma empilhada em cima da outra. A proporção de

maçãs é curiosamente desproporcional ao tamanho do instrumento com rodas. Observando de longe, parecia que, a qualquer movimento brusco, a pirâmide desmoronaria.

Tratava-se de Wilson, um homem negro de 37 anos nascido em Campina Grande, Paraíba. Wilson trabalhava “nessa feira” há quatro anos e atualmente mora em Santa Rita, Paraíba. Ele relatou que trabalhava em feiras desde os seis anos de idade. Para além de comercializar no Mercado dos Estados aos sábados, também vendia aos domingos no mercado público de Bayeux e durante a semana, em Santa Rita. Contou que em Santa Rita tem um box no qual vende “todas as frutas e verduras” e que todas são produzidas localmente.

Wilson tem dois irmãos. Nesse momento da feira, em movimento, ou quando estão parados (como é o caso desse carrinho, que é utilizado de maneira similar a um banco de feirante), comercializavam maçãs. Seus dois irmãos também trabalhavam com o carrinho de maçã. Wilson lembrou que um deles estava, naquele momento, na feira livre do Grotão, e o outro irmão no município vizinho, no mercado público de Cabedelo.

Wilson compartilhou algumas estratégias de venda que fizeram sentido ao utilizar esse carrinho com rodas, sem movê-lo. Antigamente, ele costumava trabalhar caminhando com o carrinho, mas naquele momento estava parado, pois percebeu que desse jeito, vendia mais maçãs. Assim ele foi “parando e parando e parando e vendendo mais”, pois às vezes estava do outro lado da feira e as irmãs (as clientes) não conseguiam avistá-lo. Por isso, ele tomou a decisão de fazer suas vendas com o carrinho parado.

O carrinho de Wilson podia não ficar mais em circulação na feira-livre. No entanto, existia uma relação que envolvia a circulação corporal que atravessa essa forma de comercializar. Por exemplo, ele precisava ir pegar as caixas que ficam encostadas em um canto do galpão para abastecer o carrinho. Além disso, ele tinha que ir a outros lugares para pegar dinheiro trocado, e até mesmo para buscar a mercadoria em outra cidade. Essas maçãs vinham de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, e a mercadoria em si, ele buscava em Campina Grande, na Paraíba. Assim, seu corpo é o que se movimentava.

Esses movimentos observados em campo nos levam a refletir sobre a posição social e a atuação desses atores sociais no mercado público. Apresentaremos a seguir dois atores sociais em contextos distintos que prestavam serviços no mercado público. Ambos estavam em constante movimento, indo de casa para o trabalho. No entanto, um deles encontrava-se em situação de rua e ocupava um dos balcões do mercado, tornando-o, assim, seu espaço de moradia e ao mesmo tempo local de trabalho temporário. O outro personagem vinha do município vizinho para fazer o repasse de suas mercadorias.

Durante a pesquisa de campo, conheci uma pessoa em situação de rua (Fig. 07) que se chama Ancelmo, um homem negro de 48 anos. Ele vivia em um dos boxes dentro do espaço do mercado público há mais de 10 anos. Ancelmo dormia em uma cadeira e possuía

um varal no qual pendurava algumas roupas, bem como alguns itens, tais como pneus, carcaças de carrinho de mão, pedaços antigos de tabuleiros de madeira e algumas ferramentas.

Figura 07. O "faz tudo": uma pessoa em situação de rua. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

O desenho acima trata de uma fabulação<sup>9</sup> baseada na observação de Ancelmo em seu local de trabalho, onde também reside. Por habitar o mesmo lugar em que trabalhava, Ancelmo estava sujeito ao estigma e à marginalização, pois, por falta de opção, ele habitava esse mesmo espaço, quebrando as fronteiras sociais cotidianas. Optou-se por não o fotografar durante o trabalho de campo por questões éticas, assim como não desenhá-lo, somente depois. Portanto, este desenho foi interpretado com base em anotações no diário de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas durante a pesquisa de campo com uma feirante do mercado, considerando que Ancelmo trabalhava para essa feirante há alguns anos.

Observamos que essa relação é assimétrica em relação aos atores sociais apresentados anteriormente, que atuam no mercado público. Essa assimetria ocorre devido ao fato de que Ancelmo era marginalizado por ser um usuário de entorpecentes. Isso o

<sup>9</sup> Utilizamos a noção de fabulação a partir da perspectiva proposta por Donna Haraway (2016) em "Ficar com o Problema". No livro, a autora guia os leitores a refletirem criticamente "por narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos especulativos" (HARAWAY, 2016, p. 23), tendo em vista que os fatos científicos e fabulações podem ajudar a interpretar, inventar e até mesmo criar outros mundo possíveis a partir do acrônimo SF (Ficção Científica, Fato Científico, Feminismo Especulativo, Fabulação Especulativa, até agora).

colocava em uma posição subalterna em relação aos outros comerciantes que trabalham no mercado. No entanto, ao mesmo tempo, sua permanência e atuação no mercado tinha uma relação intrínseca com o uso que ele fazia desse espaço, o que tornava esse ambiente fundamental para suas atividades e relações sociais. Ele realizava trabalhos temporários para outros feirantes e fregueses.

No desenho, observa-se, em primeiro plano, Ancelmo no canto da figura, com uma de suas pernas esticadas, apoiando seu braço sobre a outra perna. No desenho, todas essas figuras representam Ancelmo em diferentes situações observadas durante o campo de pesquisa: dormindo na cadeira, pendurando e retirando utensílios das barracas, utilizando uma escada, carregando sacolas de alguns feirantes, pegando caixas, empurrando um carrinho de mão cheio, recebendo mercadorias, etc.

O desenho busca refletir sobre a relação de trabalho desse ator social no mercado público. Optou-se por não destacar em primeiro plano o fato de ele ser usuário de psicoativos, priorizando, em vez disso, uma visão de Ancelmo relacionada ao seu esforço e trabalho no espaço do mercado.

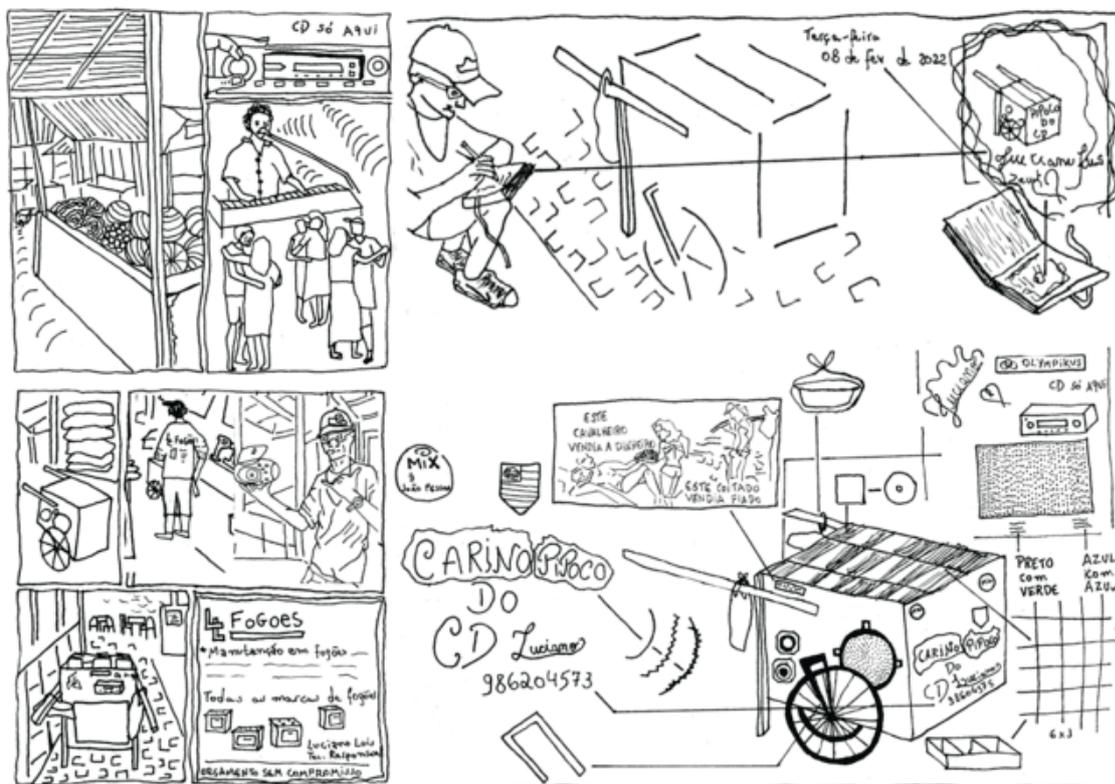
Nessa situação, observa-se os carrinhos de mão sendo utilizados para realizar frete e carregar produtos, entre outras atividades, como é o caso deste homem em situação de rua. Nota-se que Ancelmo dorme em uma cadeira de plástico. Localmente, as pessoas o reconhecem como o “faz-tudo”, um homem negro com cabelo crespo, porte físico magro e estrutura corporal fina, com braços longos. Apesar de seu porte físico, observei que ele conseguia carregar muito peso ao mesmo tempo, frequentemente utilizando seu carrinho de mão. Ancelmo estaciona o seu carrinho próximo de seu box, no qual é possível ver suas roupas penduradas em um varal improvisado.

Nesse contexto, percebe-se como as “relações de poder” (FOUCAULT, 2003 [1970]) estão presentes nas atividades exercidas dentro do grupo e como as visões são construídas nesse espaço, de acordo com o modo de vida em que cada ator social desenvolve suas relações. No entanto, apesar de ser um usuário de psicoativos, ao exercer uma atividade laboral no mercado, cria-se “uma visão menos preconceituosa e discriminatória de seu modo de vida” (VELHO, 1988, p. 14).

Nesse encontro de reconhecimento e pertencimento, nos deparamos com as cronotopias do cotidiano e os movimentos das rodas no mercado público onde a alegria transborda na sonoridade local. Nas cronotopias bakhtinianas, a noção temporal e o espaço penetram na vida, navegando pelas rupturas do cotidiano de um tempo intensificado que marca a história e a memória desse lugar. Um bom exemplo pode ser visto no “Carrinho Pipoco do CD” (Fig. 08). Este instrumento possui duas rodas com diversos símbolos tipográficos, de cor amarelada, com puxadores vermelhos e pequeno porte. Na parte

superior, possui divisórias que servem de apoio para os CDs. No entanto, não se trata de CDs originais, mas sim cópias.

Figura 08. Entre conserto de geladeiras e um carrinho de CDs. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

Este carrinho pertence ao senhor dos CDs, um homem negro que vestia uma bermuda, camiseta branca, óculos espelhado azul (mais tarde, ele trocou por um óculos espelhado laranja), colar de correntes e um relógio no pulso. Possuía estilo descolado e aparentava ter cerca de 40 anos. Se instalava em um dos bancos e conversava com alguns jovens, aumentava a música, eles conversavam entre si e riam. Há uma série de símbolos em seu carrinho, como escritas, adesivos e outros apetrechos. Um adesivo em específico chamou nossa atenção: *“Este cavalheiro só vende a dinheiro. Este coitado vendia fiado”*. A imagem mostra uma mulher de biquíni entregando uvas a um rapaz musculoso sem camisa, que representava o vendedor à vista, enquanto, do outro lado, há um senhor com uma trouxa de roupas, representando o vendedor que vendia fiado.

Este instrumento pertence a Luciano, que, ao se apresentar como o "homem Bombril", indicou sua versatilidade para desempenhar diversas atividades. Ele compartilhou que, em tempos passados, dedicava-se à música, tocando em serestas, e que atualmente

conserta fogões (estava vestindo o seu uniforme de trabalho). Esse senhor relatou que morava na cidade de João Pessoa há 41 anos e que residia no Bairro dos Estados.

Enquanto conversávamos, ele nos pediu para ver o desenho e nos perguntou se poderia completá-lo. Em seguida, João entregou o diário para ele, e ali mesmo se ajoelhou e começou a desenhar o seu carrinho. Enquanto desenhava, ele descreveu as cores do carrinho, que tinha pigmentos pretos, amarelos e “vermelho sangue”, e mencionou que o instrumento sempre foi amarelo, com puxadores vermelhos e pretos. Luciano completou o desenho que João havia feito.

Na parte interior do carrinho, havia uma caixa de som e, na parte lateral, estavam localizados os alto-falantes. O som desse instrumento estava descarregando enquanto ele finalizava o desenho e Luciano disse que era preciso carregá-lo um pouco. Após finalizar o desenho, ele se dirigiu a uma senhora que vendia verduras para consertar o rádio dela. Luciano era brincalhão, conversava com muitas pessoas, falava sobre música, fazia piadas e discutia suas outras profissões. Por fim, ele nos falou que o som estava descarregando e que ele ainda precisava passar para o outro lado da feira para falar com um de seus clientes.

Seguimos adiante pensando “desenhativamente” (KUSCHNIR, 2016, p. 07) a antropologia a partir de uma “etnografia-multissituada” (MARCUS, 1995, p. 97) para compreender a relação da coleta seletiva no espaço urbano do Bairro dos Estados a partir de duas associações de catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis — a Catajampa e a Associação de Catadores/as de Materiais Recicláveis do Vale das Palmeiras II (Acatavale).

## AS RODAS A PARTIR DE UM GRUPO DE CATADORES NOS ARREDORES DO MERCADO PÚBLICO

Com o desenho a seguir, temos como objetivo analisar e compreender a circulação e a relação entre corpo-cidade a partir de uma dupla de catadores no espaço urbano. Buscamos entender como ocorre o movimento com um instrumento de rodas, e como isso gera significados que fazem parte do cotidiano desses atores sociais. Isso é especialmente relevante, considerando que a relação entre o corpo e a cidade envolve subjetividade e frequentemente coloca estigmas sobre aqueles que se encontram à margem da sociedade.



para mover os carrinhos de mão, eles utilizaram as mãos, caminharam e olharam, entre outras forças do corpo. Sendo assim, “a existência é corporal” (LE BRETON, 2007), e Edigley e Andressa utilizavam esse instrumento em seu cotidiano, o que gerou sentidos e significados individuais e coletivos em suas experiências de vida.

Há muito a aprender com as diversas experiências que se formam a partir daqueles que vivem e experienciam a cidade. Procuramos demonstrar uma perspectiva do uso do carrinho na cidade a partir do desenho etnográfico. Ele é utilizado por dois catadores, e expandimos o conhecimento através de linhas desenhadas, representando as diversas formas de experiências do cotidiano. Isso nos permite uma maneira criativa de vivenciar a cidade, a partir daqueles que a habitam, moldam e, ao mesmo tempo, prestam um serviço essencial à comunidade.

Os ritmos do cotidiano se sobrepõem nessa experiência etnográfica: a pedalada, as paisagens urbanas, as paisagens sonoras e os desafios do chão. A relação entre diferentes atores sociais e o compartilhamento da cidade foram alguns dos aspectos que nos levaram a pensar na contribuição possível entre a antropologia urbana e visual, vislumbrando novas possibilidades de vivenciar a cidade.

Voltamos ao galpão onde o instrumento com rodas estava estacionado. Em outro momento, ele voltaria ao movimento das ruas. Agora é tempo de refletir e buscar novos caminhos para adentrar em outros usos e significados atribuídos aos instrumentos com rodas no âmbito do mercado público, junto ao grupo de catadores, em uma ação social.

Durante o campo de pesquisa, acompanhamos a ação social de distribuição de sopa realizada no espaço do mercado público pelos catadores da Catajampa e Acatavale, tendo como líderes das associações as duas presidentas, Egrinalda e Tatiane. Dessa forma, foi possível observar os usos atribuídos a um carrinho de mão, que foi utilizado na coleta de alimentos no espaço do mercado para a produção da sopa.

Os desenhos a seguir mostram dois momentos específicos. O primeiro é o da coleta dos alimentos, que ocorria todas as sextas-feiras (Fig. 10). O segundo momento acontecia aos sábados, o dia de produção dos alimentos e o retorno deles para o mercado público (Fig. 11). Observamos que o mesmo instrumento utilizado para coletar os alimentos no mercado também é usado para distribuí-los no mesmo ambiente. Essa ação social é simultaneamente uma estratégia política para permanência e a construção de redes de sociabilidades. Os desenhos a seguir representam graficamente as atividades realizadas pelo grupo, conforme descritas acima.

Figura 10. Acompanhando o dia de coleta de alimentos junto a catadores e catadoras da Catajampa e Acatavale. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

Figura 11. Produção do sabão no espaço da ocupação e sua distribuição no mercado público. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

Os desenhos apresentados acima refletem a reciprocidade construída nas relações sociais entre o grupo de catadores e os moradores da região. Observamos, a partir dos desenhos, que o percurso que foi feito com os carrinhos de mão para coletar os alimentos é o mesmo utilizado para distribuí-los. Com a iniciativa do sopão, a associação fortaleceu os laços com seus arredores, e isso ocorreu a partir dos usos e significados atribuídos aos instrumentos com rodas que eles utilizavam.

Vemos, assim, que a vida das rodas se conecta com a vida das pessoas e vice-versa. Elas peregrinam continuamente entre as mais diversas paisagens urbanas durante sua trajetória de vida e no cotidiano das cidades. Na etnografia desenhada, apresentamos um *fazer-cidade-em-rodas* a partir dos usos e significados que cada ator social atribui a esses instrumentos. Observam-se uma série de possibilidades, meios e caminhos vividos por diferentes atores sociais, nos quais as vidas se entrelaçam.

Os desenhos e descrições apresentados aqui tiveram como objetivo despertar um olhar sensível e poético sobre o movimento, os usos e significados dos instrumentos com rodas. Esses instrumentos geram e ganham significado na vida daqueles que já passaram, atuaram ou que fazem parte efetivamente do espaço do mercado dos estados e de seus arredores.

Procuramos utilizar a criatividade para apresentar uma (etno)grafia desenhada. Por fim, o movimento das rodas e da vida continua, em outras instâncias e através de outros caminhos. É possível observarmos a partir das rodas que estão presentes em nossas vidas e não se tratam de coisas banais. Elas constroem espaços, montam, desmontam, carregam, descarregam, abrigam, armazenam e até mesmo colocam o alimento de cada dia nas casas de diferentes atores sociais.

Para seguirmos adiante e chegarmos às nossas palavras conclusivas, outros movimentos vão surgindo durante o campo de pesquisa. O último desenho, para fechar esta coleção (etno)gráfica, trata-se de ver, acompanhar e observar as mudanças sociais acontecendo na vida do primeiro grupo apresentado neste subtópico. Durante um ano, acompanhando Edigley e Andressa, uma criança nasceu. Seu nome é Enzo. O desenho abaixo (Fig. 12) representa a última caminhada de coleta realizada junto aos catadores, na qual Andressa estava a uma semana de dar à luz a Enzo.

Figura 12. O nascimento de Enzo em um fazer-cidade-em-rodas. Grafite 4B e nanquim, Folha 27 x 25 cm, 180 g/m<sup>2</sup>. GIMP 2.0. 20 de julho de 2021. Caderno de desenho.



Acervo: João Vítor Velame.

Assim, novas trilhas vão surgindo ao longo dos caminhos percorridos a partir das rodas, as dinâmicas sociais mudam, os empregos mudam, pessoas crescem, novas vidas aparecem. No âmbito desta pesquisa e a partir de um diálogo construído entre orientadora e orientando neste artigo, seguimos com os desafios epistemológicos, teóricos e metodológicos, experimentando e apresentando outras formas de fazer etnografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, apresentamos 12 desenhos etnográficos feitos durante a pesquisa de mestrado realizada no mercado público de João Pessoa e seus arredores. Em um primeiro momento, apresentamos um desenho que representa o universo do Bairro dos Estados em João Pessoa, Paraíba (Fig. 01), local da cidade onde a pesquisa foi realizada. Nesse percurso, definimos graficamente sete instrumentos com rodas presentes no Mercado Público do Bairro dos Estados e em seus arredores (Fig. 02), e em seguida apresentamos um instrumento carregado de representações simbólicas de uma experiência de cidade, como é o caso do carrinho de madeira de uma catadora de materiais recicláveis (Fig. 03).

Ao analisarmos um desenho como o do carrinho de madeira (Fig. 03), observamos que os símbolos em si carregam um ato político, religioso e se vinculam à construção da noção de pessoa da catadora que circula com seu carrinho. Como afirma Mauss (2003 [1925]), existe uma categoria do espírito humano. A noção de *pessoa* e a noção do *Eu*, tendo

em vista que “conquistam-se as suas posições, os seus bens, os seus direitos pessoais, as suas coisas e, ao mesmo tempo, o seu espírito individual” (MAUSS, 2003 [1925], p. 218). Nesse recorte, todos os símbolos presentes no carrinho de mão, desde a sua cor até todas as coisas que o compõem, o tornam um instrumento *único*, carregado de expressões singulares para a própria invenção cultural desta catadora.

Isoladamente e em outros ambientes, essas coisas com rodas ganham outros sentidos, outros usos e valores. Sendo assim, os usos e sentidos variam de acordo com a construção de cada indivíduo que circula na cidade, seja na construção resultante de sua experiência individual ou da interação com outros atores semelhantes entre si.

Em seguida, utilizamos oito desenhos etnográficos para apresentar os personagens e interlocutores da pesquisa. Começamos apresentando um “estacionamento” dos instrumentos com rodas no mercado público (Fig. 04) e, entre eles, descrevemos um vendedor de bananas da cidade de Jacumã (Fig. 05), enquanto outro desenho apresenta um vendedor de maçãs (Fig. 06). Nos dois últimos desenhos apresentados, imaginamos etnograficamente uma pessoa em situação de rua ocupando o espaço público de um mercado, conhecido localmente como o “faz tudo” (Fig. 07), e também descrevemos um vendedor de CDs com seu carrinho (Fig. 08).

Por fim, com o nono desenho, apresentamos os instrumentos com rodas sendo utilizados no universo da coleta de materiais recicláveis e reutilizáveis, que tratou de representar uma etnografia multissituada a partir da circulação de um carrinho de catadores no espaço urbano da cidade (Fig. 09). Estes dois últimos desenhos descrevem a rotina de um grupo de catadores localizados atrás do mercado público (Fig. 11 e 12) e acompanha a ação social de distribuição de um sopão realizada no espaço do mercado pelos catadores da Catajampa e Acatavale.

O processo de etnografar desenhando possibilita despertar um olhar para a imaginação, como é o caso da fabulação ilustrada (Fig. 07) sobre uma pessoa em situação de rua, uma vez que todos os desenhos dizem respeito ao olhar do pesquisador e ao olhar de Ancelmo em relação à sua posição social, mais especificamente, às variadas atividades exercidas por ele no ambiente do mercado. Trata-se de um desenho que possibilita transitar entre a imaginação do outro e aquela que leva o pesquisador a traçar linhas a partir da sua subjetividade em interação com a de seu interlocutor, que compreende os códigos e símbolos presentes no campo de pesquisa, que se enriquecem a partir do desenho. No desenho a pessoa em situação de rua olha para o passado/presente/futuro, observando-se em movimentos, e todas essas figuras representam Ancelmo, em diferentes situações observadas durante o campo de pesquisa a partir de uma fabulação.

Fazer uma etnografia sobre as rodas foi também nos encontrar em movimento, acompanhando e circulando, seguindo as rodas, as pessoas, as mercadorias, os sons ao redor,

no espaço do mercado e nas ruas da cidade. Foi através de uma etnografia desenhada, cujos desenhos representam uma “realidade etnográfica”, que foi possível observar um *fazer-cidade-em-rodas*, abordando múltiplas dimensões da vida cotidiana de um espaço público urbano e seus arredores e da alteridade dos interlocutores da pesquisa.

Chegamos às linhas finais deste artigo, pois assim como as rodas, em algum momento, a análise etnográfica também para, o corpo descansa, o instrumento é deixado de lado, guardado em algum ambiente e começamos a recolher nossas inquietações e reflexões. Em outro momento, estas voltarão a se movimentar.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. Do direito à Cidade ao Fazer-cidade. //: **O antropólogo, a margem e o centro**. Mana, v. 21, n. 3, p. 483–498, 2015.

ARAÚJO, Claudionor Silva de. **Etnografia com Crianças e Adolescentes que Fazem Frete com Carro de Mão na Feira Livre de Rio Tinto**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) — Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019.

AZEVEDO, Aina G. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera-Revista de Antropologia**, v. 2, n. 2, p. 101–119, 2016.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única-infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Imaginários urbanos**. 4. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

CARYBÉ & VERGER. **Gente da Bahia**. Tradução espanhol Javier Escudero. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; Salvador: Fundação Pierre Verger, 2012.

CLIFFORD, James; MARCUS, George (Orgs.). **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/ edUFRJ, 2016 [1986].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GALLE, Helmut. Del sujeto urbanizado a la destrucción de lo urbano. //: BUCHENHORST, Ralph; VEDDA, Miguel. **Observaciones urbanas: Walter Benjamin y las nuevas ciudades**. Buenos Aires: Editorial Gorla, 2008. p. 147–159.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015 [1973].

GONÇALVES, Alexandre O.; ABDALLA, Mônica Chaves. Na Banca de "Seu Pedro é tudo mais gostoso": personalidade e sociabilidade na feira-livre. **Ponto Urbe**, v. 2, p. 1-7, 2013.

GONÇALVES, Marco A.; HEAD, Scott (Orgs.). **Devires Imagéticos**. Rio de Janeiro: Faperj/7 Letras, 2009.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the trouble: makin kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry, Language, Thought**. Tradução de A. Hofstadter. Editora: Harper & Row, 1971.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essay in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEROI-GOURHAN, André. **L' uomo e la materia**. Milano: Jaca Book, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1955].

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1925].

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, n. 1, p. 95-117, 1995.

MENDONÇA, João Martinho Braga de; VELAME, João Vítor. Usos do desenho na feira livre: experimentações (etno)gráficas no mercado público de Rio Tinto (PB, Brasil). **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 13, p. 1-28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/19955>. Acesso em: 15 out. 2023.

RICHTER, Antje. 發財還家: 中國吉祥畫的獨輪車圖案. **Coming Home with Riches: The Wheelbarrow as an Auspicious Motif in Popular Chinese Prints**. University of Colorado, 2004. Disponível em: <https://spot.colorado.edu/~richtea/prints.html>. Acesso em: 08 de outubro de 2023.

ROCHA, Darllan Neves da. Entre Bonecos e Bonecas: distinções sociotécnicas da tradição. //: SILVA, Alexandra Barbosa da *et al.* **Território, ambiente, identidade e poder: reflexões a partir de múltiplas perspectivas**. João Pessoa: UFPB, 2017. p. 255-274.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TAVARES, Breitner Luiz. **Feira do Rolo na pedagogia da malandragem: memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia/DF**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

VEDANA, Viviane. **No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo**. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VELAME, João Vítor. **Experiências artísticas e encontros com alteridades: um estudo etnográfico dos ritmos e movimentos (a vida) no ambiente de um mercado público paraibano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) — Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19672/1/JVV03022021.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

VELAME, João Vítor. Ritmos e movimentos. Etnografia e diário gráfico numa feira-livre paraibana. **Áltera—Revista de Antropologia**, v. 1 n. 12, p. 267–272, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/altera/article/view/61141>. Acesso em: 15 out. 2023.

VELAME, João Vítor. **Uma (etno)grafia desenhada dos usos e sentidos atribuídos às coisas com rodas nas práticas socioculturais de um espaço público urbano e seus arredores em João Pessoa–PB**. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

VELHO, Gilberto. **Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro; Fundação Getulio Vargas; 1998.

WAGNER, Roy. **Símbolos que representam a si mesmos**. São Paulo: Editora Unesp, 2017 [1986].

Recebido em 31 de maio de 2023.  
Aprovado em 2 de novembro de 2023.